

# NARRATIVAS DE PROTAGONISMOS: MEMÓRIAS DE MULHERES NEGRAS EM “OLHOS DE AZEVICHE”

Lúcia Regina Lucas da Rosa<sup>1</sup>  
Cleusa Maria Gomes Graebin<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo traz análise da obra “Olhos de azeviche - dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira” (2017), pelo viés da memória social. Trata-se de narrativas de mulheres negras que consolidam o não silenciamento em prol do seu reconhecimento identitário. Teoricamente nos fundamentamos em: Assmann (2018), Bosi (2003), Pollak e Ricouer (2007) quanto à discussão sobre memória social; Evaristo (2020), Todorov (2009) e Paz (1993) quanto aos estudos de literatura e Bernd (2018), Rosário (2007) e Broose (2008) quanto aos de negritude, dentre outros autores. Espera-se contribuir para a relação entre memória e literatura afro-brasileira, comparando narrativas e formas de evidenciar a presença do negro na cultura brasileira.

**Palavras-chave:** Memória social; Literatura afro-brasileira; Escritoras negras; Narrativas.

## Narratives of Protagonisms: Black Women's Memories in “Olhos de Azeviche”

**Abstract:** This article analyzes the publication "Olhos de azeviche - dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira" (2017), from the social memory perspective. It is about narratives of black women who consolidate the non-silencing in favor of their identity recognition. Theoretically we base ourselves on: Assmann (2018), Bosi (2003), Pollak and Ricouer (2007) as to the discussion on social memory; Evaristo (2020), Todorov (2009) and Paz (1993) as to literature studies and Bernd (2018), Rosário (2007) and Broose (2008) as to blackness, among other authors. It is expected to contribute to the relationship between memory and Afro-Brazilian literature, comparing narratives and manners of evidencing the presence of black people in Brazilian culture.

**Keywords:** Social memory; Afro-Brazilian literature; Black women writers; Narratives.

---

<sup>1</sup> Universidade La ([lucia.rosa@unilasalle.edu.br](mailto:lucia.rosa@unilasalle.edu.br))

<sup>2</sup> Universidade La Salle ([cleusa.graebin@unilasalle.edu.br](mailto:cleusa.graebin@unilasalle.edu.br))

## A LITERATURA: UMA VOZ QUE NÃO SE CALA

Dentre as artes existentes, a literatura caracteriza-se por verbalizar os sentimentos e as visões de mundo de forma explícita por meio de conceitos, análises, comparações e exemplos a fim de que o leitor vivencie e persiga a trajetória da tessitura feita pelo autor ou pela autora. Trata-se de uma arte que representa a sociedade a partir de um microcosmo específico, no qual, quem escreve, cria uma parte, em uma situação singular, que pode ser elevada à categoria do todo, pois uma situação específica exemplifica e possibilita melhor compreensão sobre o que pode ocorrer em nível macrossocial. Portanto, a literatura converte-se em alegoria, no sentido de ser “uma linguagem que oculta outra, uma história que sugere outra. Empregando imagens, figuras, pessoas, animais, o primeiro discurso concretiza as ideias, qualidades ou entidades abstratas que compõem o outro” (MASSAUD, 2004, p. 14). Isso significa que a escrita literária pressupõe uma leitura que vai além do significado estrito, passando para um contexto complexo a ser instigado à compreensão dos entraves sociais e pessoais. Quando se trata de narrativa literária, pressupõe-se a concretização do mundo abstrato em um enredo que repensa a realidade com o intuito de persuadir o leitor a fim de levá-lo para dentro da atmosfera criada, tornando-o cúmplice de cada cena narrada ou descrita. Contar uma história faz parte da característica humana desde o registro das primeiras histórias contadas e sua forma de comunicação é tamanha que mantém-se nos dias atuais. Para Todorov (2009, p. 22), “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes.” No histórico da literatura brasileira, em seu início, não houve muito espaço para publicações com vistas a aprofundar situações envolvendo a negritude, sendo o próprio termo polêmico entre os estudiosos. Essa dificuldade é tanta que ideias são consideradas acerca de literatura negra e literatura afro-brasileira vêm sendo discutidas no Brasil há muito tempo com definições ainda em construção, ocasionando polêmicas e conceituações variadas, diversificando os critérios de seleção de textos e autores representativos. Sobre essa representatividade, Elizabeth R. Z. Brose (2008, p. 71) traça alguns critérios:

Um deles seria o da representação do negro no texto, seja na poesia, em peças teatrais e em narrativas, desde os relatos acerca do Novo Mundo até a literatura contemporânea. Outro critério seria o da cor da pele do escritor que poderia provocar a expressão de uma perspectiva negra e brasileira, caso o escritor assumisse publicamente sua negritude.

Sendo assim, a diversidade de critérios sobre a definição da literatura negra ou afro-brasileira passa pelo viés discursivo: seja do personagem, seja do autor. Ambos podem determinar seu posicionamento e engajamento pela causa negra em suas escritas com o propósito de evidenciar uma posição crítico-reflexiva sobre o tema. Tais textos apresentam autores, temas, linguagens, expressões peculiares e identificação específica com a causa negra, o que marca a produção literária com esse fim. Muitas dessas escritas perderam-se no tempo e não se tem registro de suas publicações por conta do branqueamento da cultura brasileira: “O apagamento desses escritos da história da literatura ou a desvinculação da afro-descendência do autor ou do texto resulta na ausência de uma seleção de obras literárias que consolidem os estudos da literatura afro-brasileira no país” (BROSE, 2008, p. 75). Outros aspectos a se considerar nesse apagamento são a ausência ou a sub-representação de mulheres negras escritoras na história da literatura, nas antologias e na própria crítica literária e a não repercussão na sociedade de análise crítico-literária de textos como os de Machado de Assis nas vezes em que abordava a questão negra de forma mais direta, a exemplo do Conto *Pai contra mãe*, publicado no livro *Relíquias de Casa Velha*, em 1906. Ainda sobre a definição de literatura negra, Zilá Bernd (2018, p. 88) afirma:

[...] a tônica da literatura negra é a de contrapor-se à visão que o branco tem do negro e fazer passar “a sua (do negro) visão de mundo”, sendo, nesta medida, uma literatura de *contraponto*. É preciso não esquecer, porém, que contraponto é a própria polifonia, a arte de compor para duas ou mais vozes. Incorporando a literatura negra, a literatura brasileira passará a constituir-se em um canto a muitas vozes, que manterão suas tonalidades próprias, embora formando uma nova harmonia.

Sendo assim, há diversos posicionamentos quanto ao que caracteriza a literatura negra ou afro-brasileira e os temas abordados na literatura são igualmente variados, tantos quantos o são as histórias da humanidade. E neles, destacamos as questões sociais, neste artigo, em especial, nos dedicaremos às situações narradas no livro *Olhos de Azeviche* - dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira (2017), publicado pela Editora Malê, escrito por dez escritoras negras da contemporaneidade. Dentre as publicações sobre esse livro, Gonçalves e Silva (2018) tratam da identidade da mulher negra como forma de resistência feminina em uma exaltação aos traços negros. No texto, as autoras descrevem personagens com força suficiente para ir contra preconceitos, abordando a resistência necessária a essas situações em sociedade. Fernanda

Felisberto (2018), na resenha *Selfie: eu, mulher negra escritora*, destaca a abordagem da construção de espaço e experiência autoral de mulheres negras brasileiras, em oposição aos textos clássicos já publicados, reforçando a vitimização da mulher negra por meio de personagens marginalizadas.

Em “*Olhos de Azeviche - dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*” (2017) percebe-se um avanço nas publicações de literatura negra com a vantagem de agrupar autoras nem todas muito conhecidas pelo público-leitor, formando um *corpus* identitário em prol da causa da mulher negra. A biografia de cada autora é valorizada no livro sendo escrita de forma sucinta na abertura de cada conto, apresentando ao leitor, primeiramente, a autoria e após, a sua produção. Essa identidade autoral é destacada na medida em que corrobora com a afirmação de que

Se a negritude foi superada pela completa exaustão de fórmulas que, tentando negar o discurso dominante, acabaram por parafrazeá-lo, parecem estar surgindo movimentos cujas vozes traduzem sua condição de membros de uma sociedade plurirracional como o Brasil. (BERND, 2018, p. 50)

O livro em estudo traduz-se em movimento de reflexão, denúncia, exaltação e tantas outras possibilidades de leituras a serem realizadas pelos mais diversos públicos leitores. Podemos destacar algumas peculiaridades entre as autoras conforme o Quadro 1.

**Quadro 1 - Dados biográficos das autoras de Olhos de Azeviche**

<b>Autora</b>	<b>Profissão</b>	<b>Publicações</b>	<b>Premiações</b>	<b>Outras atividades</b>
Ana Paula Lisboa	colunista, prosadora, poeta	Espaços: Flupp O meu lugar	Carolina de Jesus (2014)	Coordenadora de metodologia da Agência de Redes para a Juventude
Cidinha da Silva	prosadora, dramaturga	11 livros autorais	-	Organizadora do livro Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil (FCP, 2014)

Conceição Evaristo	Doutora em Literatura Comparada	Cadernos Negros (1990) Autora de 06 obras individuais de romances, poesias e contos	-	-
Cristiane Sobral	Escritora, atriz, diretora e professora de teatro, Mestre em Artes	Cadernos Negros (desde 2000) Autora de 04 obras individuais de contos e poesias	-	-
Esmeralda Ribeiro	Jornalista	Publicações coletivas Autora de 1 novela e 1 livro infanto-juvenil		Codiretora do projeto cultural Quilombohoje Coordenadora de Cadernos Negros
Fátima Trinchão	-	Participou de diversas antologias Publica em Cadernos Negros desde 2009 1 livro autoral de poesia	-	Iniciou publicando poemas em jornais de Salvador
Geni Guimarães	-	Cadernos Negros Autora de 08 obras individuais de contos, poesias e livro infantil	Jabuti (1990)	-
Lia Vieira	Doutoranda em Educação	Cadernos Negros desde 1991 Autora de 1 livro de poesia e de 04 antologias de poesias e contos	-	-

Miriam Alves	-	Cadernos Negros desde 1982 Autora de 05 livros autorais de poesia, ensaio e contos	-	Integrante do Quilombhoje (1980 a 1989) Coorganizou 02 antologias bilíngues internacionais (poemas e contos)
Taís Espírito Santo	Escritora, poetisa, atriz, produtora cultural	Primeira participação: Olhos de Azeviche	-	Escritora colaboradora no Blog Preta&Gorda

Fonte: As autoras (2021)

Observa-se que nas biografias, não há data de nascimento, o que nos leva a considerar que isso não seja uma informação relevante diante das outras informações mencionadas. Quando a biografia é sucinta, ou minibiografia, é necessário priorizar dados pessoais, escolhendo-se aqueles que realmente fazem a diferença na representatividade. Outros aspectos a serem considerados é que algumas dessas informações, encontram-se desatualizadas, haja vista a publicação do livro em 2017; e também, há diversidade em vários aspectos entre as autoras, tendo-se constatado alguns itens: as biografias apresentam ênfase nas publicações realizadas, discriminando o gênero de texto e quantidades; apenas 4 autoras aparecem com a denominação escritora ou algum sinônimo para tal; apenas 4 autoras possuem curso superior, sendo uma com Mestrado e outra com Doutorado em andamento; apenas 2 autoras receberam premiação literária; 6 autoras participam de atividades em prol do livro e da literatura, atuando em benefício de outras pessoas. De acordo com a própria Editora Malê, a pretensão com esta publicação é “reduzir o abismo que ainda há entre a quantidade e a diversidade das escritoras negras brasileiras contemporâneas e os espaços de divulgação e circulação dos seus textos” (AMARO, 2017, p. 151). Com isso, verifica-se que o objetivo foi plenamente atendido e a diversidade de características de cada escritora atende ao propósito da Editora. Porém, precisamos ressaltar, como indica Santiago (2012), sobre a relevância de dar visibilidade a autoras negras, até mesmo para a formação e fidelização de público leitor. O baixo número de publicações também implica, consequentemente, na quantidade de premiações dessas autoras. O fato de 5

autoras participarem das publicações de *Cadernos Negros* (Série lançada em 1978) reflete a importância deste projeto para alavancar outras publicações, visto que este número corresponde a 50% das integrantes do livro em estudo. Além desse espaço, 4 autoras também publicaram coletivamente em outras edições, revelando ser uma boa opção para impulsionar a participação da mulher negra na literatura brasileira. Quanto às publicações autorais, contam em maioria, pois 7 autoras as realizam, o que revela o impulso pessoal de cada uma para registrar suas escritas. Quanto às duas premiações mencionadas, destacamos que uma delas, chamada Prêmio Jabuti, é um dos destaques mais tradicionais e mais cobiçados por escritores e a outra, trata-se de uma premiação mais recente e que presta homenagem em seu nome, a outra escritora negra, a Carolina de Jesus. Portanto, o quadro em análise representa uma mostra da diversidade e das conquistas de cada escritora negra com texto presente no livro *Olhos de Azeviche - dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira* (2017). Cada item conquistado é característico da formação ainda incipiente de uma literatura que dê conta da riqueza cultural e artística da literatura afro-brasileira no contexto de um país de origem negra na sua formação como é o Brasil. Fica evidenciada a importância de publicações como essa tanto pelos temas abordados quanto pela representatividade e oportunidade de dar voz a autoras talentosas e originais em suas narrativas. Suas formas de expressão condizem com o tema abordado, evidenciando peculiaridades de cada personagem e sua luta cotidiana para vencer preconceitos e conquistar lugar na sociedade, tanto levando em conta questões familiares, de amizade quanto profissionais.

## NARRATIVAS E MEMÓRIA

Ao analisarmos a memória pelo viés da literatura, buscamos, dentre outros aspectos, ressignificar fatos e formas narrativas aliadas à relação de tempo e de espaço na construção de personagens e suas ações. São as formas da narrativa que nos conduzem à leitura dos contos em análise e nos indicam marcas de memória presentes na relação entre as personagens e na configuração de cenários.

O tempo é o fio condutor para a compreensão da narrativa e para a criação literária. Compartilhamos da visão de Paul Ricoeur (2007, p. 107) ao considerarmos o tempo como um olhar interior traduzido pela memória: “Enquanto minha, a memória é um modelo de minhadade, de possessão privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito. Em seguida, o

vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória.” Nessa relação de passado com o presente há entrelaçamentos de ações que se reúnem para dar sentido ao que é narrado, fazendo com que seja possível a compreensão e a revelação de certos nós da trama, levando o leitor ao desfecho. E assim os personagens percorrem locais diferentes em sua “minhadade”, na sua busca ao mesmo tempo em que sai da sua lembrança do passado para ressignificá-lo com as ações do presente, congregando as histórias pessoais.

Enquanto lembrança, as cenas narradas vão passando impressões ao leitor, com a memória garantindo-lhe a continuidade temporal (RICOUER, 2007) e criando armadilhas para cada obstáculo de vida, acomodando-se em um tempo estagnado e caminhando para situações novas, consequentes do enfrentamento dos problemas mal resolvidos ao longo do tempo.

Além do aspecto temporal, há uma forte relação nos contos com o espaço. Na sequência, o espaço será estudado como forma de situar as cenas e as dificuldades das personagens. A partir do texto de Aleida Assmann (2011) acerca dos espaços de memória e suas complexidades vislumbramos possibilidades de leitura dos contos a partir das situações específicas das personagens. Para a autora, ao relacionar lembrança e identidade, afirma que “as recordações estão entre as coisas menos confiáveis que um ser humano possui. As respectivas emoções e os motivos de agora são guardiões do recordar e do esquecer” (ASSMANN, 2011, p. 72). É por esse caminho que as narrativas em análise se desenvolvem, uma vez que as personagens movem-se pelas memórias e suas identificações com as raízes negras, com valores próprios, vivências e experiências de cada uma das autoras. As recordações acompanham-nas sem cessar, há mistura de épocas e lugares em seus pensamentos e com quem elas se relacionam nos lugares por onde passam. Não é o espaço físico que as impulsionam e sim as recordações de emoções a serem resolvidas em suas mentes e sentimentos a serem organizados para poderem ser compreendidos. As emoções do passado se misturam com as do presente e, por isso, as narrativas não são lineares, ocasionando recuos e interrupções por parte do narrador.

Portanto, entre relações de espaço e tempo, as personagens movem-se nas narrativas e fortalecem memórias de seus ancestrais considerando as questões de vivência e do modo de ser negro na cultura brasileira. Algumas expressões utilizadas nos contos reforçam essa ideia de pertencimento, como: “pretos maravilhosos” (p. 16), “dia de Oxum” (p. 17), “usava cabelo black” (p. 20),

“jovens negros” (p. 26), “todo brasileiro tem sangue negro” (p. 53), “cantada em iorubá” (p. 90), “gente de Oxalá” (p. 91). Estas expressões apontam para construções identitárias que remetem a uma memória coletiva dos mitos de origem, buscados em uma África idealizada e, ainda, a movimentos contemporâneos da emergência do ser negro/negra, potencializando aquilo que por muito tempo ficou invisibilizado, memórias subterrâneas (POLLAK, 1989) que emergem, tanto em termos históricos quanto do seu silenciamento ou apagamento. As autoras, a partir das suas personagens, fazem uma reapropriação da sua história e, da literatura, uma ferramenta para expor nos textos, vestígios memoriais ignorados por narrativa hegemônica sobre o passado.

Em uma visão antropológica, Ernest Cassirer (2012) analisa o espaço e o tempo e sua relação com o modo de vida humana, sobre o que é considerado importante e funcional e quais consequências advêm da forma como o homem usufrui do espaço e do tempo. Além das questões de sobrevivência no ambiente em que vive, em uma manifestação orgânica, há um espaço chamado de perceptual: “este espaço não é um simples dado dos sentidos; é de natureza muito complexa, e contém elementos de todos os diferentes tipos de experiência dos sentidos - óptica, tátil, acústica e cinestésica” (CASSIRER, 2012, p. 75). A questão mais relevante, nesse tipo de espaço é compreender como esses elementos cooperam na construção do ambiente, e qual a sua maneira de influenciar as relações humanas. O espaço abstrato ou simbólico é o aspecto mais importante a ser analisado quando se trata da compreensão das circunstâncias que envolvem o momento vivido. As relações espaciais integram-se às do tempo como algo mais interno que externo e produtor de efeitos no indivíduo a partir de suas lembranças que ocorrem em fluxo contínuo. E ambas relações - espaço e tempo - estão em sintonia com a memória como remanescentes das ações passadas em consonância com o presente em “um processo de reconhecimento e identificação, um processo ideacional de tipo muito complexo. As impressões anteriores não devem ser apenas repetidas: devem também ser ordenadas e localizadas, e referidas a diferentes pontos do tempo” (CASSIRER, 2012, p. 87). A memória, dessa forma, não é uma simples reprodução de eventos passados, não é apenas repetição de situações ou impressões anteriores, mas uma espécie de revigoração, de ressignificação e complementação de significados, como atesta Cassirer (2012, p. 88):

No homem não podemos descrever a lembrança como um simples retorno de um evento, como uma vaga imagem ou cópia de impressões anteriores. Não é simplesmente uma repetição, mas antes um renascimento do passado; implica um processo

criativo e construtivo. Não basta recolher dados isolados da nossa experiência passada; devemos realmente *re-colligê-las*, organizá-las e sintetizá-las e reuni-las em um foco de pensamento.

É nesse jogo de recolha das lembranças que o narrador viabiliza intenções e conduz o leitor por tramas que revelam situações do passado mescladas ao presente num jogo de memórias a partir dos silenciamentos e obstáculos da vida social. Em quase todos os contos, há objetos biográficos (BOSI, 2003) marcantes na vida das personagens, isto porque coisas e pessoas estão intimamente relacionadas e as primeiras são ancoragens de memórias, pois tanto auxiliam no processo de rememoração quanto no de narrar algo sobre seus proprietários. Cartas e fotos, uma pixação no muro, fuzis da polícia, acarajés e abadá, lixão, espelhos, dreads, banco da praça, cd, os seios de uma mãe, a cor da pele negra, um tamborim, uma pasta com roteiro de cinema, um carro da polícia e uma ladeira colocam-se como metáforas de experiências, como suportes de memória coletiva, por gerações. Em cada objeto, há uma situação que nos leva à compreensão da narrativa, sendo que, “as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos” (BOSI, 2003, p. 27). Há em cada conto uma situação peculiar marcada por um desses objetos que levam as personagens a arrastarem seu destino atraídas ou em repulsa por eles, são objetos marcantes e marcadores de situações peculiares, de tempo e espaço de uma história sendo evidenciada e contada a partir de uma cena desencadeadora de um clímax importante para o desfecho.

Passaremos a considerar a forma narrativa e memorial de cada conto do livro *Olhos de azeviche* - dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira (2017) conforme informações no Quadro 2.

**Quadro 2** - Autoras e temas abordados na obra “Olhos de Azeviche”

Autora	Título do conto	Tema abordado	Objetos biográficos
Ana Paula Lisboa	Preta	Escrita de cartas e saudade da amiga que faleceu	cartas e fotos
	Trutas	Amizade entre dois meninos e disputa amorosa	pixação no muro

Cidinha da Silva	Os meninos do Morro da Lagartixa	Violência policial no Morro (fuzilamento de 3 jovens negros inocentes)	Fuzis da Polícia
	Sobre os que juntam vinténs na microeconomia do carnaval	Preparativos para o carnaval em Salvador a partir do trabalho dos negros	Acarajé, abadás
Conceição Evaristo	Di Lixão	Vida e morte de um menino morador de rua	Lixão
	Os amores de Kimbá	Triângulo amoroso	
Cristiane Sobral	Das águas	Busca de identidade negra	espelho
	O outro lado da moeda	Racismo	dreads
Esmeralda Ribeiro	Guarda segredo	Lembranças do passado com a avó	carta
	Mulheres dos espelhos	vozes de mulheres antepassadas nos espelhos e contação de histórias	espelho
Fátima Trinchão	Lembranças	Lembranças da pessoa amada	banco da praça cd
	Arlinda	Lembranças da infância	ruas e locais do passado
Geni Guimarães	Primeiras lembranças	Ciúme do irmão	seio da mãe
	Metamorfose	Confronto entre a versão da escola e a da avó sobre a escravidão	cor da pele

Lia Vieira	A paixão e o vento	A menina, passista da escola de samba, torna-se mulher	tamborim
	Os limites do moinho	Uma paixão durante um encontro de escritores em Cuba	pasta com roteiro de cinema
Miriam Alves	Os olhos verdes de Esmeralda	Duas mulheres negras e lésbicas são vítimas de policiais	viatura policial
	Alice está morta	Relacionamento obsessivo entre um casal leva mulher à morte	ladeira
Taís Espírito Santo	A Pretinha e o Pretinho	Um homem negro e uma mulher negra procurando seus destinos	-
	Quando parei de mandar beijos	Aparência física e preconceito	-

Fonte: As autoras (2021)

Ancoradas em objetos biográficos, as autoras criam as performances de suas personagens, urdem os fios da trama, dando-lhes sentidos e significados. Além daqueles, percebe-se que desde os títulos já há menção de dificuldades sendo enfrentadas pelas personagens em um espaço marcado pelo preconceito da sociedade e pela busca de um espaço de dignidade. Destaca-se nesse aspecto, palavras dos títulos como: preta, morro, juntar vinténs, segredos, metamorfose, limites, está morta, pretinha e pretinho e parar de mandar beijos. Há um sentido negativo nessas palavras, levando-nos a pensarmos de antemão que o conto traz em sua narrativa algo que vai contra uma situação de dignidade. Essa identificação, que aproxima a língua portuguesa das vivências e costumes dos negros está presente, além dos títulos, em algumas expressões, evidenciando traços de escrita, chamada pelo poeta crítico moçambicano Lourenço do Rosário, como “pretoguês” (ROSÁRIO, 2007, p. 12): “Neste contexto de desfasamento entre escrita e fala, justiça seja feita à literatura que

tem procurado estabelecer a ponte entre o português oficial e o português da rua”. Assim, algumas expressões dos contos estão diretamente ligadas a questões de origem afro, além de revelarem o caráter de subordinação, colocando personagens em situações subalternas:

O problema da carnificina de Costa Barros é que a Polícia Militar é o braço armado do Estado, autorizado a matar, a exterminar jovens negros e pobres. Quilombolas e indígenas. Moradores de favelas, periferias, palafitas, alagados e todos os demais quartos de despejo do Brasil endinheirado e branco. (SILVA, 2017, p. 26)

Ainda sob o aspecto de valorização da língua e do vocabulário afro-brasileiro, o tom de denúncia é reforçado pelo uso da palavra escravidão, como em: “Soterópolis continua linda e os resquícios da escravidão vivíssimos, como sempre estiveram.” (SILVA, 2017, p. 32) Além deste conto, a palavra escravidão e termos afins, como senzala, aparecem mais sete vezes, em relatos de situações envolvendo as personagens. Já palavras e expressões que se referem à cor da pele, aparecem com mais frequência, das seguintes formas: a saudade tem a sua cor; Pretinhosidade; ela é preta da cor”(p. 21); “trabalho negro”, Mulheres negras, todas negras”(p. 29); “menino negros, garotos negros”(p. 31); “o negrume de seu corpo”(p. 42); “sua pele fora tingida com muita melanina”(p. 49); “era a única negra de sua turma”(p. 50); “uma mulher negra como opção”(p. 58); “de pele cor da noite reluzente”(P. 60); “era um negão alto”(p. 88); “você branca e eu preta”(p. 98); “era negro”(p. 103); “os idiotas dos negros”(p. 110); “não eram feias, apesar de negras”(p. 136); “uma boneca negra de pano”(p. 139); “mulher preta mente e faz macumba”(p. 145); “Pretinho”, Pretinha”(p. 146); “falava que era negra-negra” (p. 147). Todas essas referências à cor da pele vêm acompanhadas de uma narrativa que coloca em situação inferior as personagens, trazendo ao leitor o preconceito por meio de situações vivenciadas, fazendo com que, ao lermos a história, sintamos a dificuldade enfrentada.

Em nota da Editora, ao final do livro, há uma explicação sobre a reunião de contos e sobre o título Olhos de azeviche relacionando textos “mobilizados por reduzir o abismo que ainda há entre a quantidade e a diversidade das escritoras negras brasileiras contemporâneas[...] um movimento da Editora Malê para incrementar a visibilidade das escritoras e dos escritores da literatura negra...” (AMARO, 2017, p. 151). Quanto aos temas desses contos e crônicas, há em cada texto um enfrentamento das personagens frente ao mundo desigual entre negros e brancos e seus preconceitos. A luta em cada história narrada dá

conta de, principalmente, mulheres sendo agredidas, vitimizadas e sucumbindo diante de um universo machista e branco, que subjuga as mulheres, agravando-se por se tratar de mulheres negras. Neste caso, as autoras praticam o que Conceição Evaristo (2012) chama de *escrevivência*, isto é, a escrita da experiência vivida. Algumas cenas chegam ao extremo, como no conto *Primeiras lembranças*, de Geni Guimarães, em que a personagem criança sente ciúme do irmão recém-nascido e somente fica tranquila com a convivência quando percebe que jamais o menino poderia ser comparado ao Menino Jesus por se tratar de um negro. O conto termina com essa constatação da personagem, deixando a tarefa de reflexão ao leitor a fim de dar mais efeito à constatação da menina, uma vez que o narrador faz uma afirmação de consenso social do ponto de vista do preconceito. Outro conto de Geni Guimarães, que traz à tona o mesmo estilo de reflexão intitula-se *Metamorfose*, no qual a personagem criança compara o que é dito sobre os negros no tempo da escravidão com o que sua avó falava e entra em choque com os ensinamentos da escola, tão fora da realidade que ela ouvia em sua casa. Neste caso, o conto mostra o quanto na escola o que era dito sobre os escravos tornavam-nos homens sem reação, submissos e covardes, ao passo que as histórias ouvidas de sua avó, mostrava-os de outra forma, como lutadores nos Quilombos.

Em todas as dez histórias narradas, é possível relacionar memória, espaços de identidade e de busca por um lugar de dignidade social. Essa identidade é mostrada como um processo de ocupação de si a partir do lugar em que a cena ocorre. Para Rogério Haesbaert (2011), a questão da identidade está mais ligada com o que se faz com ela que com aquilo que ela efetivamente é, sendo assim, importante a performance para uma leitura espacial ou geográfica, valorizando-se o espaço da criação, do local onde a cena é narrada ou descrita. Por isso, as personagens desses contos em estudo buscam afirmação em suas ações e quando se caracterizam em situação de inferioridade, trazem um universo de contrariedades a fim de que o leitor seja convidado a repensar seus conceitos de vida em sociedade. Assim, as autoras assinalam a importância do espaço na configuração identitária, situação já analisada por Lourenço do Rosário (2007, p. 43): “a natureza singular e colectiva do Homem permite-lhe também a articulação de projecções de si próprio no todo e vice-versa; é esta qualidade que lhe dá o sentido de pertença àquilo que lhe convencionou chamar de identidade.” A cada situação particularizada por uma personagem, percebe-se a natureza da generalização como relação a um preconceito social passível de ser enfrentado. Por isso, a literatura possui o caráter de

verossimilhança e de alegoria, constituindo-se em fatos fictícios, porém alusivos a temas sociais e sua complexidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias narradas em *Olhos de azeviche* - dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira (2017) tratam de memórias de personagens femininas negras que buscam atualizar suas raízes e suas identidades históricas. Por meio de objetos biográficos e espaços de memórias, as autoras narram cenas e situações que convidam o leitor a refletir e a repensar a ancestralidade brasileira e sua autêntica formação a partir da cultura afro-brasileira. Na diversidade de histórias e situações, todas convergem para o não silenciamento e para modos de vida marcados pelo preconceito e pela dor da discriminação. Pela narrativa, o leitor tem a oportunidade de se colocar no lugar das personagens, vivenciando cada luta e cada voz que grita pela formação de uma sociedade mais igualitária, com respeito à ancestralidade e à construção colaborativa de novos momentos de formação tanto individual quanto de grupos, respeitando as peculiaridades de todos. Há duas questões básicas sendo enaltecidas: o aspecto feminino e o aspecto afro-brasileiro - duas congruências de luta e de busca de espaço que sempre existiram mas que pouco foram valorizadas. Trata-se de um livro de contos e crônicas que enaltece a verdadeira essência do ser brasileiro com reconhecimento da riqueza cultural que ainda precisa ser denunciado em suas mazelas e desigualdades. A literatura, no dizer de Octávio Paz (1993), escritor e crítico mexicano, é a outra voz, que não se cala e submerge frente às necessidades humanas, pelo texto poético, a voz de quem faz a revolução, uma voz que é

convertida em ato e ato providencial, determinação racional e ação milagrosa, história e mito. Filha da razão na sua forma mais rigorosa e lúcida: a crítica, à imagem dela, revolução, é ao mesmo tempo criadora e destruidora; melhor dizendo, ao destruir, cria. A revolução é esse momento em que a crítica se transforma em utopia e esta encarna em homens e em uma ação. [...] Qual pode ser a contribuição da poesia na reconstituição de um novo pensamento político? Não ideias e sim alguma coisa mais preciosa e frágil: a memória. A cada geração os poetas redescobrem a terrível antiguidade e a não menos terrível juventude das paixões. [...] Pela boca do poeta *fala* - advirto: fala, não escreve - *a outra voz*. [...] a voz do silêncio e a do tumulto, louca sabedoria e sensata loucura, sussurro de confidência na alcova e cheiro de multidão na praça. Ouvir essa voz é ouvir o próprio tempo, o tempo que passa e que, apesar disso, volta

transformado em umas quantas sílabas cristalinas. (PAZ, 1993, p. 63, 73-75)

Aqui estamos considerando poesia como o ato de escrita literária, em seu sentido amplo, sendo registrado na prosa ou em versos. É a voz que emerge nessas escritas de mulheres negras e que atingem os leitores de todas as épocas e de todas as memórias sendo emergidas e convertidas em voz de protesto. É uma voz da revolução de conceitos e que se une à integração mediada pela palavra escrita e publicada.

## REFERÊNCIAS

AMARO, Vagner (org.). **Olhos de azeviche**: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira - contos e crônicas. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: forma e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. 2 reimpressão. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2018.

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: CirKula, 2018.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios e psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BROSE, Elizabeth R. Z. A literatura afro-brasileira e seu autor maior. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Machado de Assis & Guimarães Rosa**: da criação artística à interpretação literária: estudos comemorativos aos centenários de Machado de Assis e Guimarães Rosa. Erechim: Edelbra, 2008. p. 71-85.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o Homem** - introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução de Tomás Rosa Bueno. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Entrevista**: Mês da Consciência Negra - Imagem da Palavra - Parte 1[20/11/2012]. Disponível em <https://youtu.be/pwQ4Bxc87PE> Acesso em 10 jun. 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. Passado, presente, futuro: Cadernos Negros 40. **Literafro**, 22/08/2018. Disponível em

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/1038-cadernos-negros-40>

Acesso em 12 jun. 2021.

FELISBERTO, Fernanda. **Literafro** o portal da literatura afro-brasileira. (<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>), 2018. Acesso em 04 de setembro de 2020.

GONÇALVES, Maria Julieta Dias; SILVA, Débora Maria da. A representação da resistência e da identidade da mulher negra nos contos “Das águas”, de Cristiane Sobral e “Quando parei de mandar beijos” de Taís Espírito Santo. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: **Revista Sinafro**, 2018. [www.sinafro2018.com.br](http://www.sinafro2018.com.br). Acesso em 04 de setembro de 2020.

HAESBAERT, Rogério. O espaço importa: dilemas da construção identitário-territorial na contemporaneidade. In: BASTOS, Líliliana Cabral e LOPES, Luiz Paulo de moita (orgs.). **Estudo de identidade - entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. rev e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

PAZ, Octávio. **A outra voz**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

POLLAK, Michael. memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15 Disponível em [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf) Acesso em 12 mar. 2021.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ROSÁRIO, Lourenço do. **Singularidades II**. Moçambique: Texto Editores, 2007.

SANTIAGO, Ana Rita. Vozes literárias de escritoras negras. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012. Disponível em <http://www.repositorio.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/771/1/vozes%20literarias%20de%20escritoras%20negras%284%29.pdf> Acesso em 10 jun. 2021.

SILVA, Cidinha da. Os meninos do Morro da lagartixa. Sobre os que juntam vinténs na microeconomia do carnaval. In: AMARO, Vagner (org.). **Olhos de**



**azeviche:** dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira - contos e crônicas. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 25-32.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

*Recebido em 18 de junho de 2021*

*Aprovado em 15 de agosto de 2021*